

# Em Busca de um Diálogo Teológico

*Dr. Eberhard Hahn*

## Introdução<sup>1</sup>

Não é somente o Atlântico e a língua portuguesa que geram uma certa distância; os cristãos (e dentro deles também os grupos evangélicos) do Brasil (como também da América Latina) se mostram sempre mais conscientes da sua situação e tarefa independentes de outras regiões da Igreja no mundo. Apesar disso, acentos diferentes não precisam provocar separação, mas podem contribuir para o crescimento mútuo se estes acentos estão sendo ligados, se os vários lados se empenham em ouvir. Muito do que acontece nas igrejas deste grande país não é entendido (e, muitas vezes, nem está sendo registrado) “além mar” porque a barreira de língua é, em grande parte, insuperável. Por isso, o presente artigo quer ser, em primeiro lugar, uma ajuda na área de tradução que visa subsequente diálogo e labor em comum. Ele relata, primeiro, algo sobre o início e o posicionamento da Fraternidade Teológica Latino-Americana, Seção Brasil (FTL-B) e ilustra, a partir de algumas áreas centrais, como o labor teológico é realizado concretamente dentro da “Fraternidade”.

Servem como base para estas informações as edições do “Boletim Teológico” (BT) que foram publicadas desde 1983, se estendendo até as de 1990.

No final pretendemos entrar neste diálogo a partir de algumas observações e questionamentos para indicar umas áreas de responsabilidade teológica que deve ser realizada pelos os cristãos em todo mundo.

<sup>1</sup> Este artigo foi escrito para o “Jahrbuch für Evangelikale Theologie”, publicação anual do “Arbeitskreis für evangelikale Theologie” - AfeT (que corresponde à “Fraternidade Teológica” na Alemanha) com a intenção de apresentar a FTL-B ao público teológico evangélico na Alemanha. - Dedico este trabalho a Arthur Clebsch, primeiro Diretor do Centro de Ensino Teológico (CETEOL), São Bento do Sul - SC, cuja vida no serviço do evangelho é exemplo para mim. N.E. O endereço do autor é: Viktor-Renner-Str. 14, 7400 Tübingen.

## 1. História e Tarefa da FTL-B

### 1.1 Sobre a História da FTL-B

O Congresso de Evangelização Mundial (Berlim 1966) guiou para o I Congresso Latino-Americano de Evangelização (CLADE I, 1969 em Bogotá). Naquela ocasião foi fundada a “Fraternidade Teológica Latino-Americana”. Nela se encontra “a força visionária de um grupo de pensadores evangélicos que desejavam ser fiéis à mensagem da Bíblia e encarar com ela as necessidades do continente”<sup>2</sup> O labor teológico se manifesta especialmente em consultas e congressos nacionais e continentais<sup>3</sup>, como também em publicações que muitas vezes relatam o conteúdo destes encontros.<sup>4</sup>

A FTL-B procura realizar os seguintes alvos:

“a) Promover a reflexão em torno do Evangelho e sua significação para o ser humano e a sociedade no Brasil. Com este fim estimulará o desenvolvimento de um pensamento evangélico atento à palavra de Deus e às perguntas que lhe propõe a vida e o mundo brasileiro. Para a reflexão, aceitar-se-á o caráter normativo da Bíblia como palavra escrita de Deus, escutando, sob a direção do Espírito Santo, a mensagem bíblica em sua relação com as relatividades da situação histórica concreta;

“b) Constituir uma plataforma de diálogo entre pensadores que confessam a Jesus Cristo como Salvador e Senhor, e que estejam dispostos a refletir à luz da Bíblia, a fim de comunicar o Evangelho em meio às culturas latino-americanas.”<sup>5</sup>

No processo teológico que se movimenta entre os polos “Bíblia” e “contexto”, a expressão “Reino (de Deus)” ocupa sempre mais a posição chave na hermenêutica: A mensagem bíblica indica a direção, os dados do contexto determinam o desafio, a “missão integral” visa “a transformação de toda sociedade e toda criação, mas

2 R. Gutiérrez Cortéz, “A proposta teológica da FTL”, em: BT 9, São Leopoldo 1989, p. 58.

3 Cf. O “Relatório do Secretário Geral à V Assembléia da FTL, 1984-1988” (da autoria de C. René Padilla), em: BT 9, loc. c., pp. 67-74.

4 Como tópicos encontramos especialmente as áreas: Teologia Bíblica (Hermenêutica), Ética Social (Os evangélicos e o poder político; a pobreza), Igreja e Missão (Missão Urbana), Educação Teológica.

5 Extraído do 4º artigo dos estatutos da FTL-B, em: BT 5, São Leopoldo 1985, p. 111. Os estatutos da FTL brasileira correspondem nos seus alvos largamente àquelas da FTL-“mãe”, mas substituem normalmente “América Latina” por “Brasil”.

entende que esta transformação começa com o povo de Deus.”<sup>6</sup> Isso vai ser demonstrado mais tarde.

#### 1.2 Marcando o posicionamento teológico da FTL-B.

No Boletim Nº 5 encontram-se dois trabalhos maiores nos quais é realizado o debate com a teologia “ocidental” (i.é., europeia e norte-americana) e latino-americana, servindo como base para uma definição da própria posição.

##### 1.2.1 Em primeiro lugar, Ismael E. Amaya faz “Uma crítica das correntes teológicas ocidentais”.<sup>7</sup>

Para a “teologia ocidental tradicional” a característica é o procedimento sistemático/dogmático. Nisso se usam mais critérios filosóficos do que bíblicos. Citações bíblicas somente suportam o conteúdo que já foi determinado pela tradição eclesiástica. “A fonte da teologia dogmática não é a Bíblia sozinha, mas a Bíblia interpretada pela tradição da Igreja.”<sup>8</sup> Desde a Idade Média até o início do século 20 a teologia está determinada largamente por este procedimento. O “*sola scriptura*” da Reforma somente tem a função dum episódio que logo é esquecido.

As “fraquezas da teologia ocidental” estão ligadas com os elementos “ideologia” e “tecnologia”:

a) Como a teologia ocidental se desenvolveu dentro de sistemas democráticos, ela foi (aliás: é) incapaz de discernir e denunciar profeticamente os males ligados a este sistema. As riquezas, a abundância, o desperdício, a gula são mencionados como exemplos para este calar.

b) A explosão tecnológica está ligada a um aumento enorme de informação, como também de especialização. Neste contexto, o teólogo se torna um erudito isolado na “torre de marfim”, que perdeu o contato com a realidade. Por isso, a teologia norte-americana normalmente não percebe os seguintes problemas: ecologia, questões sociais (divórcio, drogas, imoralidade), direitos civis.

Concluindo, Amaya enfatiza que a teologia não pode se limitar à análise e sistematização de conteúdos bíblicos; ela deve falar para dentro da situação atual: “Nossa tarefa é apresentar as verdades que eles (i.é.: Jesus, Paulo, João, Pedro) expressaram de tal maneira que sejam relevantes e apropriadas ao nosso tempo e situação. Os elementos imutáveis do Evangelho precisam ser postos dentro

6 Cortéz, loc. c., p. 65.

7 Em: BT 5, loc. c., p. 5-25.

8 Ibid. p. 6.

da linguagem de cada país e tornados relevantes para cada geração. (...)”<sup>9</sup>

1.2.2 “Uma análise latino-americana da teologia latino-americana”<sup>10</sup> em primeiro lugar indica o contexto específico do labor teológico neste continente: Este está marcado, por um lado, pela colonização católica (palavras chaves: escolástica medieval; ideologia da conquista; antiprotestantismo), por outro, pela missão protestante que começa no século 19 (características: papel libertador da Bíblia; fé polêmica; postura anabatista com relação à sociedade e igreja). Desde a II Guerra Mundial, o tratamento da questão social (teologias da libertação) significa um elemento central na “fermentação” dentro das igrejas cristãs; e, além disso, mais uma “onda missionária”, em grande parte dos EUA, e especialmente o movimento pentecostal, ganha forte momento.

Na 2ª parte do trabalho, os autores destacam, a partir de uma abordagem da teologia da libertação, as tarefas centrais do labor teológico evangelical latino-americano:

A teologia da libertação inicia com a práxis, analisa-a a partir dum instrumentário marxista, procede assim para um exame crítico e, respectivamente, renovação da consciência histórica e interrogando a partir disso a Bíblia. Este procedimento necessariamente guia para o reconhecimento hermenêutico “de que, por causa de nossa práxis, ou da falta da mesma, por causa de nosso pertencer a uma classe social, nossa maneira de ler a Escritura nunca é neutra; quando vamos às Escrituras, sempre trazemos conosco uma pré-compreensão do texto.”<sup>11</sup>

A avaliação evangélica desta abordagem

a) Tem o seu ponto de partida na Palavra de Deus: “Tudo tem de ser iluminado pela palavra de Deus, e por ela julgado.”<sup>12</sup> Nota-se, porém, que muitos cristãos (evangelicais) não submetem a sua práxis nesta palavra, mas mal-entendem a sua própria cultura, sem refletir sobre isso, como forma dum vivência cristã e, por isso, estão ameaçados a ficarem presos no secularismo. Biblicamente entendido, o conhecimento está ligado ao fazer da vontade de Deus; o amor se expressa na obediência.

b) Por isso, teologia deve ser contextual “Pois a obediência está localizada no aqui e agora.”<sup>13</sup> Aqui a importância do “Reino de

9 Ibid. p. 25.

10 Por S. Escobar, P. Arana, V. Steuernagel, R. Zapata, em: BT 5, loc. cit., p. 26-46.

11 Ibid. p. 40.

12 Ibid. p. 41.

## 2. A área da hermenêutica.

2.1 O terceiro número do “Boletim Teológico” trata de forma compreensiva da pergunta da hermenêutica. Já no “Editorial”<sup>23</sup> de Valdir Steuernagel são enumerados os tópicos centrais que são explicados nos artigos seguintes:

- A hermenêutica deve se preocupar “com a percepção e interpretação da realidade” - esta nunca é neutra, mas sempre influenciada por ideologias. Faz parte disso o conhecimento do “universo” e dos “compromissos do intérprete”<sup>24</sup>

- Enquanto a hermenêutica antigamente foi influenciada principalmente pela filosofia, este lugar foi tomado pela sociologia. A teologia não pode dispensar outras disciplinas, mas ela também tem “uma palavra orientadora para o homem e a sociedade”<sup>25</sup>

- A relação entre hermenêutica e corpo de Cristo é definida da seguinte forma: “É o povo de Deus em missão encarnada que saberá ser hermeneuta, em resposta à vontade de Deus e às necessidades da nossa gente. ... A Hermenêutica tem de ter cheiro de povo e pó.”<sup>26</sup>

- A importância do Espírito Santo para a interpretação bíblica é tamanha que Steuernagel fala duma “hermenêutica carismática”.

2.2 Ênio R. Mueller apresenta na sua palestra “Evangelização e Hermenêutica”<sup>27</sup> vários modelos de hermenêutica, focalizando finalmente “a necessidade de uma hermenêutica contextual, dentro da realidade brasileira”<sup>28</sup> Este programa compreende os seguintes aspectos:

- Em primeiro lugar deve-se considerar “a auto-compreensão dos escritos bíblicos”; frente à sua unidade, autoridade e inspiração eles merecem a nossa confiança abrangente.

- A busca por uma chave hermenêutica arrisca a predeterminar a interpretação da Bíblia por certas direções de questionamento. Mesmo assim, Mueller afirma: “Sugerimos ... que a perspectiva do Reino de Deus e do seu cumprimento é central para a auto-com-

23 BT 3, São Leopoldo 1984, 5-8.

24 Ibid. p. 6.

25 Ibid. p. 7.

26 Ibid.

27 Proferida no Congresso Brasileiro de Evangelização em Belo Horizonte, em 1983: BT 3, loc. cit., pp. 9-24.

28 Ibid. pp. 16ss.

---

preensão bíblica, sendo uma chave para se ver os textos à luz do todo, e a relação entre os diversos textos, o elemento impulsionador que leva adiante essa história singular que as Escrituras nos contam.”<sup>29</sup>

- Como igreja fundada por missionários, a igreja brasileira recebeu a mensagem cristã na roupagem cultural dos respectivos missionários. Faz-se necessário, por isso, “a busca por uma leitura da Bíblia a partir da realidade e das necessidades e problemas do povo brasileiro”<sup>30</sup>.

- Com relação ao “círculo hermenêutico” precisa-se duma fusão do contexto bíblico com o contexto atual.

- Neste processo, o Espírito Santo adquire a função duma “espécie de catalizador” que possibilita esta fusão, sendo o mesmo na Palavra bíblica como também no intérprete.

2.3 A relevância do reino como chave hermenêutica para o entendimento da Bíblia é enfatizada por Guillermo Cook no seu artigo “A Bíblia, a história da salvação e a consumação do Reino”<sup>31</sup>.

No início, ele descreve a tarefa da “contextualização da mensagem bíblica” assim: Ela deve contribuir para “que a história da Bíblia se encarne na história da igreja e na de nossos povos latino-americanos.”<sup>32</sup>

Entre outras, ele chega às seguintes conclusões:

Esperança escatológica não é passividade, mas significa: “Acreditar na possibilidade de mudanças, não apenas em vidas de ‘pecadores sem Cristo e sem esperança’, mas também no *status quo* social - mediante a ação de Deus na igreja. É comprometer-se profundamente com a história de nossos povos latino-americanos, mesmo não se confundindo com ela.”<sup>33</sup>

Cook também enfatiza o papel central do Reino: “O reino de Deus é o elo condutor (paradigma da história salvífica) que atravessa toda a Bíblia, dando coerência a tudo o que ela diz.”<sup>34</sup> “Se a plenitude do reino consiste no estabelecimento total do governo de Deus sobre a terra ... a antecipação desse reino também deve incluir sinais de justiça, paz e amor.”<sup>35</sup>

---

29 Ibid. p. 18.

30 Ibid.

31 BT 3, loc. cit., pp. 45-91.

32 Ibid. p. 45

33 Ibid. p. 66

34 Ibid.

35 Ibid. p. 70.

Deus” “como uma chave para a compreensão da ação de Deus e de nossa missão”<sup>14</sup> se torna manifesta.

c) Em vez de brigar com os norte-americanos sobre formas de inspiração bíblica, a formulação duma “hermenêutica evangélica” se torna uma “urgente necessidade”: “Impacientamo-nos com um procedimento hermenêutico que exclue o Velho Testamento, que espiritualiza o Novo e que transforma o evangelho de Jesus Cristo num inofensivo e discreto professor de teologia.”<sup>15</sup>

d) Esta teologia também visa uma “renovada consciência histórica” que não acusa simplesmente o imperialismo americano de todos os males, mas que toma em consideração os séculos de domínio e indoutrinação católica com as suas várias conseqüências nas estruturas presentes. Na medida em que cristãos evangélicos também entram em posições (políticas) de poder, eles precisam dum acompanhamento teológico que torna manifesto o “constantinismo” e as tentações e benefícios ligados ao exercício do poder.<sup>16</sup>

e) Finalmente, esta teologia vai ter que ser uma teologia do Espírito que deve responder as seguintes perguntas: “Como está o Espírito soprando hoje? As categorias teológicas tradicionais são suficientes para discernir estes tempos?”<sup>17</sup>

1.2.3 Pedro Savage trata o tema “O labor teológico num contexto latino-americano”<sup>18</sup> Para ele, a teologia é o estudo da Palavra de Deus sob a instrução do Espírito Santo com o alvo de iluminar com autoridade a situação presente: a teologia nasce no culto e deve ser missionária; para isso, ela precisa dum conhecimento abrangente do seu mundo. A teologia tem o seu lugar histórico concreto.

No caso da América Latina, a teologia deve levar em consideração especialmente três diferentes grupamentos sociais (comunidades autóctones, o mestiço, as populações migrantes), a urbanização com todos os problemas ligados, a industrialização e internacionalização econômica, como também o fenômeno da religiosidade popular.

Quais são os tópicos que Savage vê na agenda teológica da América Latina?

13 Ibid. p. 42.

14 Ibid. p. 44.

15 Ibid.

16 Cf. ibid. p. 46.

17 Ibid.

18 Em: BT 5, São Leopoldo 1984, 53-81.

Isso se reflete no agir da igreja: “A resposta da igreja ao desafio dos dias críticos em que vivemos, sua resposta aos que sofrem, aos que morrem sem Cristo e sem esperança, é um sinal do reino. Sua participação nos projetos daqueles que desumanizam e eliminam seus irmãos e seu próximo é um sinal do anti-reino.”<sup>36</sup>

2.4 Juan Stam inicia o seu artigo “A Bíblia, o leitor e seu contexto histórico”<sup>37</sup> com uma citação de R. Padilla: “O desafio da hermenêutica é transportar a mensagem do seu contexto original ao contexto dos leitores contemporâneos a fim de produzir nestes o mesmo impacto que produziu nos ouvintes ou leitores originais.”

A interpretação da Palavra deve ser relacionada ao contexto. Fatores que entraram a partir do movimento missionário anglo-europeu e que causaram uma alienação teológica, cultural e social devem ser eliminados para que haja uma confrontação direta entre o contexto bíblico e o presente contexto latino-americano.<sup>38</sup>

Enquanto a palavra bíblica é fundamentalmente espaço e tempo, ou seja “histórica”, o tratamento dela na América Latina dentro do movimento evangelical é caracterizado por “uma fuga de toda a realidade histórica.”<sup>39</sup> Como elementos de tal leitura bíblica “fundamentalista” Stam cita os seguintes: A-historicidade, método alegórico, individualismo, espiritualização, reducionismo e dicotomia (corpo - alma, indivíduo - comunidade, história - eternidade, compromisso - espiritualidade)<sup>40</sup>.

Hermenêutica bíblica, ao contrário, deve observar os seguintes fatores: Ela deve ser entendida em analogia à encarnação e liga palavra bíblica e contexto moderno. Ela não somente visa conhecimento mas obediência. Ela é radicalmente missionária: “Diante da Palavra, somos chamados a ser fiéis a seus ensinamentos e paradigmas, mas fiéis também à história, fiéis à América Latina, fiéis ao Senhor da história.”<sup>41</sup>

2.5 Marlon R. Fluck, no seu artigo “Hermenêutica em Lutero”<sup>42</sup>, ilustra o processo da hermenêutica a partir duma análise do

36 Ibid. p. 74 (referindo-se a M. Arias)

37 BT 3, loc. cit., pp. 92-136.

38 Cf. ibid. p. 94.

39 Ibid. p. 98.

40 Cf. ibid. p. 99ss. Stam entende isso como “herança cultural ocidental do Renascimento, do iluminismo, do capitalismo burguês, do pietismo e, por incrível que pareça, do modernismo liberal inspirado em Schleiermacher.” (ibid. p. 102).

41 Ibid. p. 109.

42 BT 6, So Leopoldo 1986, pp. 44-76.



escrito de Lutero "A nobreza cristã". Ele diferencia entre "contexto do intérprete" (i. é, Lutero), "contexto da Escritura" e "contexto da Cristandade", que estão interrelacionados. Este "complexo de contextos" deve ser ligado através do "contexto da comunicação" com o "contexto do leitor de hoje". Fluck deriva as seguintes teses para uma "hermenêutica latino-americana":

1. A interpretação da Escritura pela Reforma pode ser exemplo para nós, porque Lutero interpretou, na base de uma exegese exata, a sua realidade vivencial, assim "desidolatrando teologias, ideologias e sistemas"<sup>43</sup>.

2. Uma hermenêutica contextualizada precisa duma análise abrangente da presente situação espiritual do povo brasileiro. Isso inclui aspectos como formas de poder, o sistema jurídico, a situação econômica, o sistema educacional, as ligações internacionais "e a maneira de ser do seu povo manifestada em sua própria ética."<sup>44</sup> Com Lutero deve ser enfatizado que não se trata somente de ouvir a situação, mas especialmente de ouvir a Deus, cujo evangelho se contextualiza através do Espírito Santo.<sup>45</sup>

### 3. A área da exegese.

A área da exegese será apresentada através de três artigos de Júlio P.T. Zabatiero, até 1989 secretário geral da "Fraternidade" brasileira.

3.1 No trabalho "Amós e a missão da igreja brasileira na atualidade"<sup>46</sup> Zabatiero discute as expressões usadas por Amós para os oprimidos, para os males em Israel, e finalmente, para a esperança de futuro ("utopia") do profeta. Esta, o autor acompanha a partir de At 15 e Ro 9-11 para dentro do NT, perguntando no final pelas possibilidades de atualizar a mensagem deste livro.

Qual é a moldura hermenêutica dentro da qual este trabalho exegetico profundo está colocado?

O artigo quer "oferecer uma contribuição à reflexão e à práxis da missão da Igreja"<sup>47</sup>. Amós parece ideal para isso porque a situação econômica, social e religiosa de Israel na época de Amós é muito semelhante àquela no Brasil de hoje. O "re-anúncio da profecia" atualiza a mensagem de Amós em três aspectos fundamentais:

43 Ibid. p. 75, com uma citação do "Documento de Porto Alegre", *ibid.* p. 43.

44 Ibid. p. 75.

45 Cf. *ibid.* p. 76.

46 BT 5, São Leopoldo 1985, pp. 47-108.

47 Ibid. p. 47.

### 1. Re-construindo a teologia.

Frente a uma “teologia do primeiro mundo”<sup>48</sup>, como também a uma “teologia de libertação”<sup>49</sup>, a teologia - considerando a “teologia de Amós” - deve partir da Palavra de Deus, manifestando-se concretamente na aliança, como fonte, deve escolher como ponto de partida a realidade histórica (mas não um sistema filosófico), deve procurar como lugar de seu trabalho o pobre, deve entrar num diálogo crítico com a religião, língua etc do povo e deve acontecer no poder do Espírito Santo, i.é, sob o sinal da cruz e da ressurreição (mas não em conjunto com poder, ideologia ou utopia humana). “Estamos num momento crucial da história e teologia, cabendo-nos a responsabilidade de participar da nova síntese histórica (sc. no sentido duma aceitação positiva de aspetos positivos de diversas posições do passado) que Deus, o Sujeito da História, está realizando. ... Temos o privilégio e a responsabilidade de crer e realizar a ortodoxia, juntamente com a ortopraxia.”<sup>50</sup>

### 2. Re-avaliando nossa práxis eclesial.

a) A relação com os “de fora”: Partindo do “remanescente de Israel” que sobrevive, Zabatiero enfatiza a existência dialética da comunidade: Ela não pode - como elite - se isolar do mundo, nem se desfazer nele, ela deve viver “amando e servindo, odiando e transformando.”<sup>51</sup>

b) A adoração cristã face à injustiça social: A adoração honra a Deus na base da aliança; ela “é engajada na utopia de Deus.”<sup>52</sup>

c) A práxis cristã não serve ao estado: A crítica cristã do estado não pode se restringir à moralidade individual. Junto com a teologia da libertação deve-se criticar que o pecado se fez corpo nas estruturas sociais; porém, a sua solução deve ser rejeitada. A práxis cristã deveria ser “livre do Estado”, deve se posicionar “contrária à legiti-

48 que não está consciente da sua dependência ideológica, que depende muito de sistemas filosóficos e assim “deturpa” a interpretação da Bíblia, que ignora - por causa da sua tendência acadêmico-intelectual - áreas importantes no labor teológico, como espiritismo, demônios, mas também o poder do Espírito Santo, que esquece o diálogo crítico com a realidade e que está separada da vida das comunidades: Cf. *ibid.* p. 92.

49 onde a teologia perde o seu valor primário frente ao envolvimento em favor da responsabilidade pelo mundo, é determinada pela “leitura da realidade” e é dependente da análise sociológica: Cf. *ibid.* p. 93s.

50 *Ibid.* p. 96.

51 *Ibid.* p. 98.

52 *Ibid.* p. 100. Ela “deve dar ao povo de Deus as forças espirituais para lutar a sua batalha, tornando-o parceiro do sujeito da história.” (*Ibid.*)

mação da injustiça” (também estrutural) e deve ser “ciente das ideologias e utopias humanas, mas não se subjugar a nenhuma delas.”<sup>53</sup>

### 3. A Igreja: Comunidade profética.

a) A Igreja é o topos da u-topia. Isso não significa que a igreja vai fazer o reino manifesto; “mas porque o reino já veio, a igreja é o sinal dele, é o seu agente.”<sup>54</sup> Adotando um trabalho de H. Snyder<sup>55</sup>, “igreja” é definida da seguinte forma: Ela reconhece a dimensão cósmica do evangelho que vale para todo mundo; ela descobre de novo o poder e a dinâmica da palavra divina; ela recupera a importância da história; ela enfatiza a ética do reino como ética da cruz; ela desenvolve uma visão cristã da cultura. “É hora de a igreja se encarnar na cultura brasileira e mostrar a plena radiância do evangelho nos vasos de barro de nossa terra.”<sup>56</sup>

b) Comunidade profética em diálogo com as utopias: A igreja deve avaliar as ideologias que determinam as utopias ao redor dela criticamente. Depois, ela deve se posicionar “a favor daquela que, em função do reino, seja a mais adequada. Por isso, ”a igreja - por meio de seus membros dotados pelo Espírito Santo - alinhar-se-á com o esforço em prol da justiça e da paz, sendo sal da terra e luz do mundo, envolvendo-se concreta e positivamente na ação histórica.”<sup>57</sup>

c) A proclamadora da boa-nova do reino: A missão central da igreja é a proclamação do evangelho e a formação de comunidades. Somente a partir do evangelho a igreja pode estender o reino de Deus em todo o mundo. “Por já estar no reino, a igreja se compromete com o mundo,”<sup>58</sup> visando a conversão de todos os povos a Jesus Cristo.

3.2. No trabalho “O caráter salvífico da morte de Cristo”<sup>59</sup>, Zabatiero examina sete imagens neotestamentárias que estão sendo usados para ilustrar a ação salvífica; nisso, ele discute especialmente o ponto de vista de L. Boff<sup>60</sup>.

1. A morte de Jesus, portadora do reino de Deus: “A principal consequência da morte de Jesus foi a demonstração final de como o

53 Ibid. p. 101.

54 Ibid. p. 102

55 The Community of the King, IVP 1978, aqui p. 29s.

56 Zabatiero, *ibid.* p. 103.

57 Ibid.

58 Ibid. p. 105

59 BT 7, São Leopoldo, s/d, 19-32.

60 no seu livro *Paixão de Cristo, paixão do mundo*, Petrópolis 1978.

reino de Deus se faria presente na terra durante o interregno entre as duas 'vindas' do Messias."<sup>61</sup>

- A forma de poder deste reino é o poder do amor na sua entrega incondicional pelos oprimidos; ela quebra qualquer opressão humana; o alvo da encarnação do filho do homem é a morte pelos necessitados e contra os poderes da opressão.

- Os súditos deste reino são servos que sofrem "que, identificados com os despossuídos da terra, lutam(..) amorosamente pela liberdade."<sup>62</sup>

- O reino está presente, mas ainda não consumado.

- O homem deve se decidir, se converter frente a este reino.

Exige-se um relacionamento comprometido com o crucificado e o reino por Ele inaugurado na terra.

2. A morte de Jesus, sacrifício expiatório "por nós": Contra Boff, Zabatiero enfatiza a ira divina como conseqüência da sua justiça, como também a morte como conseqüência do pecado, mas não da estrutura da vida humana. Contra um entendimento puramente individualista ele afirma: O relacionamento com o reconciliador "se concretiza historicamente na comunidade humana que vive sob o reinado de Deus. (...)"<sup>63</sup>

3. A morte de Jesus, redenção substitutiva dos escravos: Libertação é mais do que simplesmente conhecimento da escravidão (assim Boff). A humanidade que está sob a maldição de Deus, se encontra na escravidão do diabo e do pecado e é libertada disso verdadeiramente por Cristo. A redenção "reverte a situação causada pela queda".<sup>64</sup>

4. A morte de Jesus, vitória sobre as forças do mal: Já que o mal também se refere às estruturas, ao estado etc., "a vitória de Cristo é o germen da eliminação das barreiras sociais, raciais, culturais e econômicas. Portanto, a apropriação subjetiva da vitória de Cristo, mediante a fé (1 Jo 5.4-5)" é a "fonte da ação engajada do povo do reino na derrota do mal"<sup>65</sup>.

5. A morte de Jesus, libertação histórica e reconciliação cósmica: Sob este ponto Zabatiero discute a partir de 1. Pe 2:13-17 o relacionamento para com o estado. A reconciliação cósmica através de Cristo é o critério definido no agir de Deus e deve, por isso, determi-

61 Ibid. p. 22.

62 Ibid.

63 Ibid. p. 24s.

64 Ibid. p. 26.

65 Ibid. p. 27

nar a obediência para com a autoridade. Visto que o estado deve praticar justiça tem que se afirmar: “Só é digno de ser obedecido o governo justo. O governo injusto deve ser honrado, mas não obedecido.”<sup>66</sup>

6. “A morte de Cristo traz ao homem a justificação e lhe coloca como norma de vida a santificação. Uma é a porta de entrada ao reino de Deus, a outra é a expressão do domínio justo do Rei eterno sobre a vida humana, em todas as suas dimensões históricas.”<sup>67</sup>

7. A morte de Jesus, identificação solidária com os pecadores.

3.3. A palestra “História da salvação e história política universal na teologia do Antigo Testamento”<sup>68</sup> se empenha por um fundamento bíblico para a reflexão política.

Ela parte de duas perguntas: “A fé veterotestamentária possui implicações políticas, ou é uma fé política?” E: “A nossa teologia teria implicações políticas, ou será, inevitavelmente, política?”<sup>69</sup> A resposta a estas perguntas é procurada na análise de três complexos.

1. Quem é o Deus do AT?

a) Javé, o Senhor da Vida: “Vida”, conforme o entendimento do AT, abrange todas as áreas envolvidas. Cãnaã é “Terra da vida”, contrastando com Egito como “terra da morte”. Ele “exige desse povo que também dê vida aos seus membros.”<sup>70</sup>

b) Javé, o Deus Libertador. Javé toma a opção pelo grupo de escravos oprimido pelo Faraó. “O Todo-Poderoso tudo pode ao agir em favor dos sofredores, dos oprimidos deste mundo. ... Eis o poder da liberdade, para a qual Cristo nos libertou.”<sup>71</sup>

2. Quem é o povo de Javé no AT?

a) Javé é o Deus dos oprimidos, dos “hapiru”, e não, em primeiro lugar, dum certo grupo étnico. Como “Deus dos hebreus” Ele é “potencialmente, Deus de todos os escravos”<sup>72</sup>. Gen. 12:3 fala da bênção de Javé para todas as famílias da terra. “Ser uma bênção” significa por isso: “ser instrumento de anulação da opressão do povo pelos setores dominantes das nações. ... ser parceiro de Deus na doação da vida.”<sup>73</sup>

66 Ibid. p. 28.

67 Ibid. p. 31

68 BT 8, São Leopoldo 1989, pp. 5-28.

69 Ibid. p. 5.

70 Ibid. p. 9.

71 Ibid. p. 11.

72 Ibid. p. 14 (citação de M. Schwantes, Teologia do AT, V.1, p. 33).

73 Ibid. p. 17

b) Israel e as nações. Frente a um particularismo a partir da idéia da eleição, Zabatiero comenta a genealogia em Gen. 10 da seguinte forma: "Israel perderá a terra todas as vezes em que deixar de ser bênção para as nações, por causa de um exclusivismo teológico infundado e por ter se tornado um estado opressor e promotor da morte. ... Israel seria o instrumento da bênção de Javé para todos os povos somente enquanto fosse a nação da liberdade e da vida."<sup>74</sup>

### 3. Qual é o projeto de Deus e de seu povo no AT?

a) É um projeto histórico-político religiosamente libertador. Javé é o único Deus. Os deuses são produtos da auto-sublimação humana e fundamentam a opressão. A libertação dos deuses é libertação para viver em função do próximo.

b) É um projeto histórico-político humanamente libertador. A humanidade é, conforme Gen. 1:26, representante de Deus no mundo. Por isso não há motivo para o domínio do homem sobre o homem. Isso também se refere ao relacionamento entre homem e mulher: "Foi o pecado, descrito em Gn. 3, que causou a submissão da mulher a seu marido, num regime opressivo; nunca fora esta a intenção do Criador."<sup>75</sup>

c) É um projeto histórico politicamente libertador. Os programas políticos de Israel ou visaram a libertação ou se encontraram sob o juízo de Javé. Isso pode ser visto na discussão sobre a instituição do reinado. Samuel defende o fundamento teológico da liga tribal. "Um rei iria ferir o princípio de liberdade e igualdade entre os clãs e trazer opressão."

O "projeto político" de Israel "é um projeto libertador, valorizador da vida, baseado no suprimento das necessidades vitais das pessoas, preocupado ecologicamente, e imaginado à luz da fé em Javé." Zabatiero, porém, faz uma restrição: "Obviamente, as formas criadas para o atendimento desses valores foram limitadas às condições materiais e históricas do período veterotestamentário, e não são normativas para o pensamento cristão."<sup>76</sup>

Em resumo, a fé veterotestamentária é essencialmente fé política. Já que a vida humana é vista como um todo na cosmovisão hebraica, "o político é uma das dimensões da vida humana e, por isso, uma das dimensões da fé - até a própria essência da fé." Esta fé sempre é "fé humana e humanizadora".<sup>77</sup>

74 Ibid. p. 17s

75 Zabatiero, loc. cit. p. 22.

76 Ibid. p.26

77 Ibid. p.27

---

Para a pergunta pela fé, do cristão, isso significa: “A inevitável resposta é que nossa teologia é política, posto que a fé que ela expressa é política; posto que a vida humana é política, e a teologia é tarefa do humano.”<sup>78</sup>

#### 4. A área do Espírito Santo

Frente ao crescimento enorme de grupos e igrejas pentecostais e carismáticas, como também da influência dominante de movimentos como espiritismo, umbanda, mas também de religiões asiáticas, em que todos, de sua própria maneira, estão prometendo a transmitir efeitos de espírito, o labor teológico na América Latina não consegue escapar da tarefa de descrever a pessoa e obra do Espírito Santo com relação a este pano-de-fundo. Queremos relatar aqui de certos passos que foram feitos nesta direção.

4.1 Em primeiro lugar deve-se mencionar o documento que forma o resultado da segunda conferência de missiólogos do mundo dos dois terços sob o tema “A vida no Espírito Santo” (1984 em México).<sup>79</sup>

Numa primeira parte principal (“Definição”) se fala dos lugares onde os autores estão discernindo/identificando/vendo a obra do Espírito Santo. O Espírito Santo é “Deus em missão”; ele “testemunha continuamente na ordem criada e na história, e dá testemunho de maneira redentora na obra reconciliadora de Jesus Cristo no mundo.”<sup>80</sup>

Neste sentido, o agir do espírito se manifesta em todas as áreas da vida: “tudo o que construa relações de amor e reconstrua instituições de acordo com os valores do reino de Deus.”<sup>81</sup>

Sob o título “O Espírito Santo e outras tradições religiosas” é dito: Outras religiões não possuem a verdade revelada pelo Espírito, mas “nenhuma religião está completamente privada do testemunho do Espírito”, mas contem “em graus variados ... a preparação do Espírito para o plantio do Evangelho. ... Por meio do Evangelho, as pessoas são capacitadas pelo Espírito a invocar Jesus Cristo como a realização final e singular que falta em todas as ‘religiosidades’.”<sup>82</sup>

78 Ibid.

79 BT 4, São Leopoldo 1984, pp. 60-66.

80 Ibid. p. 61. A distinção entre manifestação do Espírito como tal e agir com significado redentor aparece de novo no trabalho de Zabatiero: vj. em baixo p. \_\_, A. 146.

81 Ibid. p. 61.

82 Ibid. p. 63s.

A parte “O Espírito Santo e os movimentos de transformação social” enfatiza o agir do Espírito em todas as tentativas de ajudar e dar justiça aos pobres. “Com a ajuda do Espírito, buscamos discernir sua direção para cooperar com movimentos e grupos de orientação secular ou outra. Tal envolvimento cristão, por si só, é testemunho de Boas Novas.”<sup>83</sup> “O Espírito quer realizar a democratização, a socialização do poder e a justa distribuição da riqueza.”<sup>84</sup>

A pergunta pelo “discernimento de espíritos” (p.ex frente à religiosidade popular católica, mas também frente ao falar em línguas, à profecia etc.) não foi esclarecida definitivamente. Porém, ficou claro o critério para isso: a posição com relação ao domínio de Jesus (1.Cor 12:3) e o papel do amor como fruto do espírito (Gal 5:22).

4.2. Arzemiro Hoffmann analisa no seu artigo “Espiritualidade alienante ou comprometida”<sup>85</sup> o relacionamento entre espírito e espiritualidade. Partindo de Ro. 8:1-17, ele enfatiza a seguinte alternativa: Tudo o que promove a morte é efeito da carne; tudo o que promove a vida é efeito do Espírito. “Ter o Espírito de Cristo é ter o Espírito que vence o pecado, a carne e a morte, que nos leva para a vida total, inclusive além da morte.”<sup>86</sup>

Espiritualidade é alienada quando ela se distancia da realidade histórica, quando não promove concretamente vida e liberdade na nova comunidade, quando ela se limita ao ambiente sagrado do culto, quando somente está interessada na distinção entre “crente” e “não crente”. “A fé que não percebe que a missão no Brasil de hoje tem também uma outra dimensão, é dispensável. Qual é esta outra dimensão? O desafio maior da evangelização hoje é o fato de que milhões de ‘brasileiros e brasileiras’ não tem acesso a uma vida humana digna. A estas pessoas não é dado o direito de serem dignamente humanas.”<sup>87</sup>

Aqui Hoffmann chama as igrejas ao arrependimento: “Pois a maioria (sc. das igrejas adora) ... um evangelho que não é boa nova para os que clamam por vida, porque não tem poder para exorcizar a morte em suas manifestações históricas.”<sup>88</sup>

83 Ibid. p. 65.

84 Ibid.

85 BT 9, São Leopoldo 1989, pp. 23-28.

86 Ibid. p. 24 (citação de J. Comblin).

87 Ibid. p. 25.

88 Ibid. p. 26.



Já que espiritualidade verdadeira, i.é, bíblica tem a ver com a luta entre vida e morte, precisa-se dum instrumentário analítico abrangente para “identificar as forças históricas que promovem a morte e as forças históricas que promovem a vida.”<sup>89</sup>

Partindo destes complexos, a igreja deve repensar o conceito do pecado. As seguintes colocações podem ajudar nesta tarefa: “Tudo aquilo que mata é pecado, e só é pecado aquilo que mata.” Ou: “Salvação é vida abundante, liberta dos poderes da morte.”<sup>90</sup>

4.3. Todos os artigos do número 10 do “Boletim Teológico”<sup>91</sup> têm a ver com o Espírito Santo. Um deles, proferido numa consulta da “Fraternidade” brasileira com o tema “Espírito Santo e Missão”, vai ser apresentado aqui.

Julio P.T. Zabatiero trata no seu trabalho “O Espírito Santo e a renovação da humanidade”<sup>92</sup> da base bíblica para o agir do Espírito Santo.

Como deve ser vista a tarefa do Espírito Santo na renovação da humanidade hoje? A resposta a partir de Col. 3:9b-11 é: O fundamento da renovação é a nova comunhão com Deus. Isso inicia no indivíduo um processo de renovação em direção ao pleno conhecimento de Deus; nisso a imagem do criador é restituída na humanidade, diferenças humanas estão anuladas em prol de um ecumenismo abrangente. “A essência dessa nova humanidade realiza-se mediante a totalização de Cristo em todos os seres humanos - uma espécie de ‘cristificação’ do humano velho, de modo a transformar, enfim, o humano em novo, renovado no Espírito.”<sup>93</sup>

Aqui, Zabatiero faz uma restrição importante: O agir renovador do Espírito é limitado pela transitoriedade. A nova era da humanidade, inaugurada pelo Espírito, se encontra na “tensão entre a sua possibilidade de realização, e a inevitabilidade de sua impotência transformadora.” Dentro desta tensão é o lugar da esperança cristã para o agir consumidor de Deus.<sup>94</sup> Zabatiero denomina cinco áreas onde o agir renovador do Espírito pode ser discernido:

a) A Igreja é o instrumento do Espírito para a missão (mas não ainda o alvo da história da salvação); ela é instituída carismáticamente, e não institucionalmente; ela se caracteriza essencialmente

89 Ibid.

90 Ibid. p. 27

91 São Leopoldo, 1989.

92 Ibid. p.21-38

93 Ibid. p.30

94 Cf. Ibid. p.31

pela ação comunitária; ela encontra o seu Senhor entre os fracos e está sendo liberada da ideologia burguesa. Onde, porém, igreja se transforma em “cristandade” - seduzida pelo poder -, “ela deixa de ser Igreja”<sup>95</sup>.

b) A sociedade renovada pelo Espírito Santo tem o seu ponto de culminação “na formação da Igreja, como protótipo da sociedade humana ideal, não mais fragmentada em classes e raças, mas unida e solidária na força do Espírito.” Por isso deve-se falar da presença do Espírito onde se luta pela justiça social, igualdade, abolição das diferenças de classe, raça ou sexo; porém, tudo isso somente vale onde os pobres são o sujeito que mudam a sua servidão.

c) A cultura se renova onde a ganância a qualquer custo, mas também o poder do estado socialista são eliminados; onde a solução dos problemas não é mais esperada a partir da onipotência da ciência e técnica; onde o trabalho não é mais entendido como caíseira, mas como “participação da ação criadora de Deus, no Espírito”<sup>96</sup>. “Onde e quando ocorrerem esforços pela eliminação dessas mazelas da modernidade, aí o Espírito estará presente, agindo para renovar a humanidade.”<sup>97</sup>

d) A pessoa humana é renovada pelo Espírito e mostra isso através dos frutos do Espírito (Cf. Gl. 5:13-26). O pobre luta por seus direitos; a mulher luta por sua dignidade; os marginalizados são reintegrados na sociedade; os ricos são libertados da sua escravidão do dinheiro; opressores são transformados em altruístas; cientistas trabalham por homens e não pelo capital ou pelo estado. O Espírito “conduz à humanização dos detentores do poder, de modo que eles se tornem servos da vida, e não da morte.”<sup>98</sup>

e) A palavra como palavra de Cristo é o instrumento da renovação pelo Espírito. “Somente quando esta palavra é o fundamento da ação humana, podemos discernir a presença do Espírito nessa ação. Ou seja, somente se torna apropriado falar da ação renovadora do Espírito na sociedade, na cultura e na pessoa, quando podemos discernir nessas ações a presença da palavra de Cristo.”<sup>99</sup> Caso contrário existe o perigo de confundir a ação do Espírito e a ação do homem. “A ação renovadora do Espírito está indissolúvelmente ligada à obra de Cristo e à palavra de Cristo, por isso é que a ação renova-

95 Ibid. p.32

96 Ibid. p.35

97 Ibid.

98 Ibid. p. 36.

99 Ibid. p. 37.

---

dora do Espírito na história passa, necessariamente, pela Igreja, pois a Igreja é a comunidade da Palavra - por essa palavra gerada, nutrida e capacitada.”<sup>100</sup>

### 5. Ênfases na agenda teológica da FTL-B

Procurando discernir nos trabalhos apresentados os assuntos teológicos centrais encontramos os seguintes aspectos:

5.1 O labor teológico e o pano de fundo da própria história (de missão).

Não vai ser possível avaliar a forma e o conteúdo do trabalho dos teólogos evangélicos sem considerar a discussão com a própria história que é feita nele explícita ou implicitamente. Esta história é caracterizada pela expressão “colonização”: Ser dependente (da coroa); o procedimento violento contra a população indígena; ser entregue e explorado por poderes estrangeiros (europeus) - tudo isso não reflete somente um passado distante, mas é experimentado em níveis diferentes como realidade presente.

Com a colonização é ligada a catolização. Resultado deste processo é uma fina camada católico-cristã que mal consegue esconder a mistura colorida dum sincretismo multiforme. Expressão mais impressionante disso é a “religiosidade popular” que liga de forma despreocupada figuras cristãs e pagãs, ritos, culturas. Assim o Brasil é um país que mostra constantemente a sua influência cristã<sup>101</sup> e que, por isso mesmo, parece separado do Cristo.

Faz parte desta história o movimento múltiplo dos imigrantes; a situação minoritária causa uma procura intensa pela própria identidade, o que pode ser observado até hoje.

Um outro fator é o trabalho missionário protestante, especialmente da América do Norte, mas também da Europa. Pode-se entender sem problema que em tal contexto se faz inevitável a pergunta se missionários americanos traziam o seu *way of life* com a sua ten-

100 *Ibid.* (sublinhado por E. H.)

101 Isso se vê p.ex. nas cidades e estados que muitas vezes foram chamados por nome de santos ou têm nomes bíblicos: Um mapa enumera no índice cerca de 450 (!) cidades que começam com “São”, “Santo(a)”; ao lado disso encontramos “Trindade”, “Bom Jesus”, “Conceição”, “Natal”, “Belém”, “Nazaré”. Um estado federal se chama “Espírito Santo”. O Cristo Redentor no Rio de Janeiro ou as muitas romarias para lugares como “Aparecida”; o Cristo que abençoa e protege nos pára-brisas de muitos caminhões ou a central do banco católico “Bradesco” com a sua sede no bairro paulista “Cidade de Deus”, indicando em todo extrato de conta: “Confiamos em Deus” - tudo isso e muito mais reflete esta história.

---

dência claramente capitalista ao lado do evangelho, ou se pastores luteranos da Alemanha introduziam a orientação acadêmico-intelectual da teologia e da vida de fé como componente natural do ser do cristão e da igreja. Um capítulo especial é a influência do movimento pentecostal e carismático, e até as formas especiais dos evangelistas de TV (chamados de evangelicais) e o seu modo prolífico a mercadejar o evangelho.

Esta história está sendo experimentada, com crescente autoconsciência (nacional, mas também teológica), como uma seqüência de tutela das mais variadas formas. Contra isso se manifesta uma resistência que às vezes parece forte, mas que pode ser entendida a partir deste pano de fundo.

Ao mesmo tempo ajudas financeiras dos países ocidentais estão continuando, muitos teólogos brasileiros procuram cursos de pós-graduação no estrangeiro, o mercado evangélico de livros - tanto de cunho edificador quanto teológico - continua dependendo da tradução de livros ingleses e (de uma escala bastante menor) alemães. A partir desta situação se entende que as relações com as igrejas ocidentais, resultando disso, são ambíguas.

Vamos refletir na parte 6 o fato que tal relação não impossibilita o labor comum dentro do corpo de Cristo, mas pode ser aceita como *tensão frutífera*.

5.2 Labor teológico a partir do contexto brasileiro/latino-americano.

A situação específica de pobreza, fome, sofrimento e morte confronta violentamente com o contexto atual qualquer cristão que tem olhos para ver. Necessariamente, ele vai se perguntar se uma vida cristã, entendida puramente como espiritualista e individualista, realmente merece ser chamada "vida a partir da fé". Qualquer pessoa que não quer entender o mundo como destino cego - como o faz o pagão -, mas que louva o domínio universal do seu Senhor, se vê perante a pergunta: "O que devemos fazer?" Nisso se trata de uma provação profunda da fé na providência de Deus. Por isso, esta pergunta de cristãos provados deve ser levada a sério e não ser levemente rejeitada.

Procurando uma resposta, a teologia evangelical também se serve do AT, rejeita uma redução espiritualista dele e se empenha por critérios para o agir político e social. Conseqüentemente, a hermenêutica entra no centro do interesse. Atrás disso pressupomos o seguinte raciocínio: Se a forma da interpretação da Escritura que herdamos da missão ocidental permanece muda frente aos graves

---

problemas presentes, devemos perguntar se a fé cristã não contém uma resposta para isso ou se a forma praticada não serve e precisa de uma re-formulação. É por isso que especialmente os ensaios hermenêuticos muitas vezes contém uma crítica da cristandade e teologia “ocidentais”.

Com a pergunta hermenêutica está ligada a outra pela relação entre lei e evangelho. A partir disso deve ser refletido sobre o entendimento de “reino de Deus”, do ser e da tarefa da Igreja como corpo de Cristo, da relação entre Igreja e estado, além dos muitos assuntos da ética social<sup>102</sup>.

### 5.3. Labor teológico a partir da Grande Comissão

Visto que o evangelho se dirige a pessoas que vivem dentro da realidade como foi esboçada, este aspecto está ligado diretamente com a parte anterior. Evangelização vai ser, no poder do Espírito Santo, de forma destacada “evangelização holista”.

## 6. Itens para o diálogo teológico com a FTL-B.

### 6.1. Observação preliminar.

Uma avaliação adequada deve diferenciar e separar aspectos teológicos e não-teológicos. Fazem parte disso perguntas referentes a fatores culturais, ideológicos e políticos na atuação de organizações missionárias, ou se ênfases materiais e capitalistas entraram na tarefa da edificação das comunidades - talvez sem querer (!). Em vez de desqualificar tal crítica como “esquerdista”, ela poderia causar uma séria auto-reflexão.

Também não deveria causar briga as questões dos teólogos brasileiros que se referem ao estilo de vida e à auto-compreensão dos cristãos ocidentais<sup>103</sup>: Qual é a forma de lidar com os bens materiais? Qual é a atitude com relação à conformação e transformação (Cf. Ro. 12:1s.)? A Grande Comissão está sendo realizada dentro dos próprios países também? O comportamento dos cristãos do primeiro mundo com relação a irmãos e irmãs do terceiro mundo corresponde à palavra de Jesus que afirma que um é o mestre, mas todos os outros são irmãos? Tais perguntas e admoestações fazem parte da vida dentro do corpo de Cristo e precisam, por isso, guiar a um humilde auto-questionamento do próprio comportamento.

102 Sem poder discutir isso extensamente mencionamos os temas dos últimos números do “Boletim”: O Congresso Mundial de Evangelização em Manilla (nº 12); pobreza, dependência econômica e totalitarismo político (nº 13); teologia e vida na América Latina (nº 14).

103 Cf. p. 6, rod. 25.

6.2. Esclarecer a base comum é algo de importância fundamental para qualquer diálogo. Aqui podemos lembrar tudo aquilo que foi enfatizado pelos teólogos mencionados: a ênfase na inspiração, autoridade e unidade da Sagrada Escritura como base e norma da doutrina e da vida; a importância especial da Grande Comissão que somente pode ser obedecida no poder do Espírito Santo; a ênfase da obediência da fé como elemento integral da existência cristã; a expectativa do novo mundo de Deus como cumprimento escatológico do seu agir salvífico.

A FTL-B se vê no único fundamento da Palavra de Deus da Sagrada Escritura junto com cristãos e teólogos do universal corpo de Cristo. É somente a partir deste fundamento que o diálogo teológico genuíno se torna possível.

6.3. A pergunta básica: Como a fé em Jesus Cristo consegue vencer a problemática do contexto?

Parece-me que este problema básico não é somente a fonte para todas as outras perguntas, mas necessariamente também das respostas que são oferecidas nas discussões sobre as várias áreas. Por isso, precisa-se esboçar primeiro a interpretação bíblica atrás disso.

a) A situação do mundo depois da queda (i. é, o contexto) está marcada, por um lado, pelo juízo (adiado) de Deus, por outro pela conservação contínua da criação caída. Nisso, a perversão dominante do convívio humano (Ro. 1:18.29: *adikia*) não é somente consequência do pecado humano, mas ao mesmo tempo juízo castigante a partir da ira divina, reação da justiça de Deus à rebelião contra o primeiro mandamento (Ro. 1:18: *asebeia*). O evangelho é a Boa Nova da salvação do pecador, para fora do juízo de Deus, através do qual aquele que crê é dotado com o Espírito Santo e colocado para dentro do corpo de Cristo.

b) Como a nova vida, na qual o cristão deve andar, é caracterizada? É uma vida no crer, e não no ver (2.Cor 5:7). Ela participa do gemitivo da criatura (Ro. 8:23). Mesmo que o crente recebeu o Espírito da filiação (Ro. 8:15), o poderoso Espírito divino que ressuscitou Jesus dos mortos (Ro. 8:11), este Espírito não põe um fim ao gemitivo do cristão, mas Ele geme no lugar do cristão perante Deus (Ro. 8:26). A fraqueza humana, visível externamente, se torna, na verdade, marca registrada do agir divino (2.Cor 4:6s; 12:9s.); nisso, a experiência do discípulo reflete aquilo que aconteceu com o seu Senhor (Fl. 3:10s; 1.Cor 1:18ss.; 2:1ss.).

c) A fé em Jesus Cristo como ligação vivencial do discípulo ao seu Senhor implica ao mesmo tempo na ruptura essencial de todas

---

as ligações humanas anteriores, sejam elas de caráter familiar (Cf. Lc 14:26s.), profissional (Cf. Mt 4:22; 9:9), financeiro (Cf. Mt 19:21) ou nacional (Cf. 1.Ped 2:11; Heb 11:13ss.; Fl. 3:20). Mesmo que estas relações - empiricamente vistas - continuem, e o cristão continue vivendo dentro da sua família, sua profissão, seus bens, sua nação, isso não acontece mais com a mesma naturalidade como no caso do não-cristão. Julgado a partir da perspectiva da fé, i.é, na ótica colocada por Deus e assim verdadeira, o cristão permanece unicamente no seu Senhor (Ro. 14:7s.). Paulo expressa o relacionamento entre estas ligações "quebradas" e a ligação verdadeira com Cristo, formada na fé, no "hos me" de 1.Cor 7:29ss: "O tempo se abrevia; o que resta é que não só os casados sejam como se não o fossem; mas também os que choram, como se não chorassem; e os que se alegram como se não se alegrassem; e os que compram, como se nada possuíssem; e os que se utilizam do mundo, como se dele não precisassem; porque a aparência deste mundo passa."<sup>104</sup>

d) Como a vida do cristão individual, a existência da comunidade cristã como um todo deve ser vista no contexto da história da salvação:

Empiricamente, a comunidade é "corpus permixtum"; somente na fé, i.é, a partir da obra de Cristo, ela é lavada, sem mácula, nem ruga. (Ef 5:26s; 1.Cor 1:30). Como corpo de Cristo, ela somente pode ser conhecida inequivocamente onde Cristo está agindo nela na palavra e no sacramento, mas não na obra visível do indivíduo ou da comunidade, que - na sua aparência empírica - sempre permanece subjugada à ambigüidade.

e) A posição do cristão/da comunidade com relação ao mundo deve observar - frente a este pano de fundo - três elementos que estão interligados:

- O mundo é, originalmente, a criação muito boa de Deus que está conservada por Ele dia após dia, também depois da queda.

- O mundo está sob o juízo de Deus que vai colocar-lhe um fim.

- O novo mundo de Deus começou em Cristo, é prometido à fé, determina o conteúdo da esperança cristã e vai ser revelado visivelmente por Deus.

As conseqüências resultantes deste relacionamento devemos destacar agora em vista das várias áreas de perguntas:

---

104 Cf. aqui também a 40ª tese da "Disputatio de Homine" (1536) de Lutero (WA 39 I, 180).

### 6.3.1 Providência *Dei* e obras da fé.

A teologia cristã deve diferenciar claramente entre obra de Deus e obra humana. Seria um mal-entendimento “titânico” colocar a tarefa da conservação do mundo às costas do agir humano (também cristão). Observamos na parte anterior que o mundo, i.é, o contexto com todos os seus fenômenos ameaçadores está caracterizado tanto pelo juízo de Deus sobre o pecado, quando pelo cuidar de Deus que está agindo nele ao mesmo tempo.

A comunidade de Jesus Cristo, por isso, não pode tornar obra própria nem a conservação nem a nova criação, como obras de Deus. Onde ela faz isso, a radicalização (que exige obediência incondicional) ou a depressão (por causa de derrotas sofridas) são inevitáveis. Ao mesmo tempo, o evangelho como promessa de Deus é mudado em lei (como exigência que não pode ser realizada humanamente).

### 6.3.2 Igreja e Reino de Deus

Neste ponto devemos mencionar a questão da visibilidade do Reino de Deus. Em analogia à justiça e santidade do cristão individual que unicamente é dada em Cristo (Cf. 1. Cor 1:30) e que é escondida ao olhar e somente revelada à fé, a comunidade na sua manifestação visível nunca pode ser Reino de Deus como tal.

Se a comunidade se torna um “agente” do Reino de Deus<sup>105</sup>, uma instituição que precisa “realizar ... o 'já' da utopia”<sup>106</sup>, uma “comunidade profética” que inaugura um “processo de eliminação das múltiplas formas de opressão”<sup>107</sup> e que visa “a transformação de toda sociedade e toda criação”<sup>108</sup>, sendo, por assim dizer, uma guarda avançada visível do reinado de Deus, que ainda está escondido - neste caso, a fé já foi substituída pelo ver nesta área e, conseqüentemente, não é mais fé (Cf. Ro. 8:24).

Mesmo que não haja a mínima dúvida que a fé como obra de Deus sempre faz obras e produz frutos, deve-se enfatizar que cada tal sinal (inequívoco somente para a fé) necessariamente vai ter o caráter do ambíguo na perspectiva humana geral.

### 6.3.3 A exigência de uma nova hermenêutica

O ponto de partida é a expectativa que a Palavra de Deus vai ter um efeito transformador no contexto atual que é avaliado como desumano. Se isso não acontece na medida esperada, e se o efeito

105 Cf. p. 11, rod. 72.

106 Cf. Ibid.

107 Cf. p. 13s., rod. 91.

108 Cf. p. 2, rod. 7.



---

permanece limitado no âmbito individual-espiritual, isso é visto como resultado de um erro na transmissão desta palavra, i.é, na hermenêutica. Este raciocínio está baseado numa interpretação da mensagem bíblica que pode ser esboçada da seguinte forma:

Deus é o libertador dos oprimidos (Cf. o êxodo; a morte reconciliadora de Jesus); Ele promete vida de forma abrangente (Cf. a promessa a Abraão ou também Ro. 8); Ele cria o Reino que vai penetrar todo mundo.<sup>109</sup> Já que é pressuposto que Deus vai efetuar isso através da proclamação da sua palavra, hermenêutica é entendida como esforço humano que abre tal entendimento da palavra e nisso causa o efeito desta palavra. É claro que isso não acontece sem a colaboração do Espírito Santo. A hermenêutica é “hermenêutica carismática”<sup>110</sup>. O Espírito Santo efetua a “fusão” entre o horizonte bíblico e contextual.<sup>111</sup>

Aqui precisamos acrescentar uma palavra sobre a hermenêutica do AT. O AT é julgado como “velho” a partir do novo. Com isso, ele não é depreciado, mas toma o seu lugar na história salvífica como livro básico da promessa.

Enquanto a história salvífica de Deus é levada a sério, não pode ser construída uma ligação direta entre o AT e a nossa situação atual. Isso inclui que a libertação do Egito não pode ser usada como modelo para a libertação de injustiça hoje, mas deve ser entendida a partir da libertação criada por Cristo que é incomparavelmente mais abrangente.<sup>112</sup> Esta liberdade liberta da escravidão de pecado, morte e diabo, transforma o servo em filho de Deus, em co-herdeiro com Cristo cujo politeuma está no céu (Fl. 3:20).

A tarefa central da comunidade, por isso, deve ser o testemunho da salvação do perdido para fora do juízo, por causa de Cristo. Onde há fé neste Senhor, lá também há obras da fé, como também frutos da fé, há obediência da fé. O “culto racional” pressupõe que cada membro no corpo de Cristo, capacitado pelos carismas, serve

109 Neste contexto deve-se lembrar das afirmações generalizantes que são derivadas de observações exegéticas: Partindo do êxodo, Deus aparece “potencialmente” como “Deus de todos os escravos” (p. 15, rod. 101). A bênção é interpretada como “instrumento de anulação de opressão do povo pelos setores dominantes das nações” (p. 15, rod. 103). Ou também: O Espírito age onde “mazelas da modernidade” estão curadas (p. 20, rod. 143).

110 Cf. p. 6.

111 Cf. p. 7.

112 Se esta fé realmente é fé no crucificado, ressurreto e naquele que volta, ela não pode ser julgada como meio para eliminar o AT, espiritualizar o NT e tirar a dinâmica do evangelho de Jesus Cristo: Cf. p. 4, rod. 18.

de forma abrangente a Deus no seu lugar e dá testemunho da vontade de Deus.

Neste contexto da fé, o contexto empírico do ver se torna provação da fé.<sup>113</sup> Porém, esta não pode ser vencida por uma modificação hermenêutica<sup>114</sup> ensinando a realizar já aqui o conteúdo da esperança, mas somente pelo fortalecimento da fé por palavra e Espírito; com isso, a fé permanece e se ativa como fé (e não como um ver antecipado), fazendo as “boas obras, as quais Deus de antemão preparou para que andássemos nelas.” (Ef 2:10). Por isso, a primeira tarefa da proclamação do evangelho não é a explicação do contexto e dos seus mecanismos regentes; ela quer possibilitar a subsistir neste contexto, porque este está esclarecido de forma total pelo agir de Deus.<sup>115</sup>

#### 6.3.4 O agir do Espírito Santo.

Aqui deve ser lembrado que o Espírito Santo como Espírito de Cristo (Cf. Ro. 8:9; 2.Cor 3:17) não pode ser equiparado com o agir conservador de Deus. A sua tarefa central é que possibilita a confissão de Cristo como o *kyrios* (1.Cor 12:3), que glorifica a Jesus e lembra de suas palavras (Jo 16:14; 14:26). Se esta relação cristológica é negligenciada, existe o perigo de dissolver o agir do Espírito Santo num “princípio vida” geral, dentro do qual a obra e testemunho de Jesus Cristo somente é um caso especial (mesmo que somente esta tenha uma função salvadora<sup>116</sup>). Deve-se perguntar se a avaliação do “Documento de México”, indicando um entendimento do centro, mas não dos limites do agir do Espírito<sup>117</sup> pode ser adequada. Porque sugere que um agir do Espírito em áreas que ainda não foram percebidas pelos autores. No seria importante, ao contrário, afirmar que o centro (Cf. 1.Cor 12:2s.) necessariamente define tam-

113 Cf. R. Slenczka, “Justiça de Deus e justiça para o homem”, *Lutherische Kirche in der Welt* 36 (1989), pp. 99-111; aqui: 110s.

114 Se a hermenêutica está colocada na interseção entre o falar divino e as necessidades humanas (Cf. p. 6, rod 30 e p. 7: fusão do horizonte bíblico e atual), então o êxito da palavra (sinais visíveis etc.) está transferido ao âmbito do empírico (do qual vêm os desafios pesados do contexto!), deve-se perguntar se com isso, em última análise, a tensão entre crer e ver, i.é, a provação, não está sendo eliminada.

115 Cf. o falar duma “exegese dupla” (Cf. p. 5, rod. 24). O entendimento da estrutura e do contexto não tem o seu lugar na fundamentação da fé, mas na vida do crente que é vivida dentro deste contexto e que, por isso, também deve ser entendida.

116 Cf. p. 17s.

117 Cf. p. 18, rod. 122.

---

bém os limites, e que a ausência de limites claros gera dúvidas com relação à clareza do conhecimento do centro?<sup>118</sup>

#### Conclusão

Temos que enfatizar, em primeiro lugar, que devemos aos cristãos brasileiros (ou seja, latino-americanos) perguntas e idéias essenciais que obtiveram a partir do confronto da sua fé em Jesus Cristo com a situação atual (Cf. as partes 5, 6.1 e 6.2). É bom para uma cristandade "ocidental" não ignorar estas perguntas - às vezes incômodas - com respeito à consequência e clareza do testemunho de Jesus Cristo na vida do indivíduo, como da comunidade (i.é, da obediência da fé). Deve-se examinar como e onde elementos ideológicos do materialismo, secularismo, humanismo etc. foram fusionados de forma sincretista com a fé cristã, sem que isso causasse o devido protesto. Cada membro do corpo de Cristo precisa da admoestação pelos co-membros; nesta tarefa aqueles que moram geograficamente mais longe têm uma função especialmente importante!

Desta comunhão no corpo de Cristo resulta a participação na provação da fé, como ela está sendo causada na América Latina de forma severa pelo contexto atual. Aqui temos que chamar de volta ao autor e consumidor da fé, como também nós precisamos ser chamados de volta a Ele. Uma consumação da fé no "aqui e agora" que é realizada por seres humanos e, por isso, somente pode ser uma antecipação aparente, não fortalece a fé, mas a ilude.

Nesta base devemos prestar atenção às obras da fé; deve ser lembrado como obras e frutos do Espírito de forma alguma são limitados a uma seção "santa" da vida, mas que eles possibilitam o culto no contexto do mundo. Várias perguntas surpreendentes que já estão sendo tratadas pelos teólogos brasileiros podem ampliar os horizontes conhecidos do pensamento cristão ocidental. Neste sentido, o diálogo teológico coopera para o *oikodomein* (Cf. 1.Tess 5:11), tem a sua parte para que "todo edifício - edificado sobre o fundamento dos apóstolos e profetas, sendo ele mesmo, Cristo Jesus, a pedra angular - bem ajustado, cresça como santuário dedicado ao Senhor." (Cf. Ef 2:20s.)

---

118 Aqui se mostra de novo a problemática na tentativa de esclarecer o ser do pneumático a partir do empírico: p. 16, rod. 122: "A demonstração visível da nova vida no Espírito ..."